

POR UMA ÉTICA DO CUIDADO



POR UMA ÉTICA DO CUIDADO

Marisa Schargel Maia (organização) | Alexandre Costa
Aline Bergmann e Vera Lopes Besset | Andréa Barbosa de Albuquerque
Carlos Alberto Plastino | Claude Boukobza | Daniel Kupermann
Eduardo Rozenhal | Lulli Milman | Luís Claudio Figueiredo
Luiz Eduardo Soares | Maria Izabel Oliveira Szpacenkopf
Márcia Merquior | Marisa Schargel Maia
Ricardo Burg Ceccin e Analice de Lima Palombini
Tânia da Silva Pereira | Vania Regina Mercer e Antônio José Peres Gediel

Marcus Renato de Carvalho e Marisa Schargel Maia (apresentação)
Joffre Amim Junior (coordenação de projeto)

Copyright © dos autores, 2009

Direitos cedidos para esta edição:
Editora Garamond Ltda.
Caixa Postal 16.230 Cep 22.222-970
Telefax: (21) 2504-9211
editora@garamond.com.br

Diagramação
Luiz Oliveira

Capa
Estúdio Garamond / Anderson Leal
sobre "Tela 107" de Gianguido Bonfanti

Revisão
Carmem Cacciacarro

Imagens
Gianguido Bonfanti
gentilmente cedidas pelo autor para esta publicação

Poesia
"A fala", de Ferreira Gullar,
gentilmente cedida pelo autor para esta publicação

CIP-BRASIL, CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS

P868

Por uma ética do cuidado / Marisa Schargel Maia (organização) ; Alexandre da Costa Silva... [et al.] ; Marcus Renato de Carvalho e Marisa Schargel Maia (apresentação) ; Joffre Amim Junior (coordenação de projeto). - Rio de Janeiro : Garamond, 2009.
14x21cm ; 412p.

ISBN 978-85-857617-165-2

1. Ética. 2. Humanização de serviços de saúde. 3. Bioética. I. Maia, Marisa Schargel. II. Silva, Alexandre da Costa.

09-4157.

CDD: 174.28
CDU: 174:57

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Agradecimentos

Aos professores colaboradores do
Curso de Especialização em nível Pós-Graduação:
Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da ME/UFRJ.
A Rita Bornia, Diretora da Maternidade-Escola da UFRJ.

Aos nossos alunos, pelo aprendizado diário.
A Carlos Minc, Ferreira Gullar e Gianguido Bonfanti,
que gentilmente contribuíram com formas
expressivas diferenciadas, enriquecendo o nosso projeto.

Aos secretários da ME/UFRJ:
Carlos Santana, Beatriz Fonseca,
Carlos Moura e Ana Ferreira.
À Divisão de Ensino da PR-2/UFRJ.
À Faperj, pelo apoio.

**Núcleo de Pesquisa em Perinatologia – Maternidade-Escola da
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq**

Linha de Pesquisa: Atenção Integral em Perinatologia

Coordenador: Joffre Amim Junior

Conselho científico

Antônio José Ledo

Cláudia Saunders

Diana Dadoorian

Flávio Freinkel Rodrigues

José Martins Filho

Liana Albernaz de Melo Bastos

Liliana Planel Lugarinho

Marcus Renato de Carvalho

Mônica Macedo

A FALA

Ferreira Gullar

*As crianças riem no esplendor das frutas, Vina,
O sol é alegre.
Esta estrada, esta estrada de terra
onde as velhas sem teto se transformam em aves, O sol
é alegre.
Fala-me da ciência. O hálito maduro
em que as folhas crescem donas de sua morte.*

*Vina, as hortaliças não falam. Me curvo sobre nós
e as minhas asas tocam o teto.
Aonde não chega o amor e o sábado é mais pobre,
Lá, ciscamos estes séculos.
Os meus olhos, sábios, sorriem-me de entre as pedras.
Prossegue, eu te escuto, chão, usar a minha língua.
Vejo os teus dentes e o seu brilho. A terra, dizes,
a terra. Prossegue.*

*Falemos alto. Os peixes ignoram as estações e nadam.
Nos, caminhamos entre as árvores. Quando é verão, os druidas,
curvados, recolhem as ervas novas.
falemos alto,
Os milagres são poucos.
As águas refletem os cabelos, as blusas dos viajantes.
Os risos, claros, detrás do ar. Os pássaros voam em silêncio.
Não te posso dizer: 'vamos' – senão por aqui.
A infância dentro da luz dum musgo que os bichos
comem com a sua boca.
Eu ouço o mar; sopro, caminho na folhagem.
Mirar-nos límpidos no susto das águas escondidas!,
a alegria debaixo das palavras.*

*O culto do sol perdeu os homens; os restos de suas asas
rolam nestas estradas por onde vamos ainda.
Aqui é o chão, o nosso. No alto ar as esfinges sorriem.
Seus vastos pés de pedra, entre as flores.*

*Sopra, velho sopro de fé, vento das épocas
comedor de alfabetos, come o perfil dos mitos, vento
grande rato do ar eriçado de fomes,
Galopa*

*Esta linguagem não canta e não voa,
não voa,
o brilho baixo;
filha deste chão, vento que dele se ergue
em suas asas de terra.
Aqui, a pouca luz,
ganha a um sol fechado, soluça.*

*Sopra o coração o sol das folhas, Vina,
é verão nas minhas palavras.*

*Maduras, movem-se
as águas, fervilhando de rostos.
E me iluminam um lado no silêncio
para onde as cousas estão extremamente voltadas.*

*O teu mais velho canto,
arrastado com sol, varrido
no coração das épocas,
eu o recolho, agora, de entre estas pedras, queimado.*

*Tua boca, real,
clareia os campos que perdemos.
Eu jazo detrás da casa, aonde já ninguém vai*

*(onde a mitologia sopra, perdida dos homens,
entre flores pobres).*

Fora, é o jardim, o sol – o nosso reino.

*Sob a fresca linguagem, porém,
dentro de suas folhas mais fechadas,
a cabeça, os chavelhos reais de Lúcifer;
esse diurno.*

*Assim é o trabalho. Onde a luz da palavra
torna à sua fonte,
de trás, de trás do amor,
ergue-se para a morte, o rosto.*

*Um fogo sem clarão queima os frutos
neste campo. Onde a vegetação não ri.*

*Cavamos a palavra. Sob o seu lustro
a cal; e cavamos a cal.*

*Onde jorrara a fonte, as pedras
secas. Onde jorrara
a fonte, jorrara a fonte.*

Aqui jorrara a fonte.

Um fogo sem clarão cria os frutos deste campo.

*Isto é a poesia florindo
sem rumor e sem milagre. A poeira
florindo o seu milagre.*

*Isto é um verão se erguendo
com as suas folhas e o seu sol.*

*Duma garganta clara,
o mar (um verão)
se erguendo sem barulho.*

*Numa altura do ar,
esplendentes,
as frutas.*

*Aonde não chega a fome, a nossa
fome, nos mostro:*

as frutas!

*Onde jorrara a fonte, jorrara
a fome. Onde jorrara
a morte, jorrara
a fonte. Aqui,
jorrara a fonte.*

*Aqui, onde jorrara
a morte, a água sorria
livre; a primavera
brilhava nos meus dentes.*

*Onde jorrando a morte, a fome vinha
e a boca apodrecia bem seu hálito;
e no hálito as rosas
desta fonte; e nas rosas
a morte desta fome.*

*As frutas sem morte
não as comemos.*

*Essas
que uma outra fome, clara,
segura.*

*Essas
suspensas lá onde o silêncio,
não bem como uma árvore
de vidro,
frutifica.*

*Ouve jorrar a morte
no teu riso, a alegria
queimando a vida;
os teus bichos domésticos,
as flores infernais
a rebentar dos passos.
Agora, eu te falo duma água
que não te molha a mão
nem reflete
O teu rosto casual*

*O odor
do corpo é impuro,
mas é preciso amá-lo.
Nenhum outro sol me clareia,
senão esse, mortal
como um pássaro,
que meu trabalho acende
desse odor.*

*E é assim que a alegria constrói;
dentro de minha boca,
o seu cristal difícil.*

*Movimento – tão pouco é o ar;
tão muito o tempo falho
nesse ar.*

*Fala: movimento... a fala
acende da poeira. Gira
o cone do ar, as velhas forças
movendo a luz.*

*Move, que é onde se apoia
o vértice do pó.
Roda a mecânica esquecida
e, resguardado, o trigo
– o silêncio extremo
acossado de sóis.
As cavernas jamais tocadas
vibram.*

*Apagado o hálito,
onde seguras
o teu vivo brilho?*

*Trigo, trigais
comidos. Rebenta
no ouro a espiga.
O nosso pão vacila
mas a tua língua é feliz.*

*O mito nos apura
em seus cristais.*

*Os ventos que enterramos
não nos deixam.
Estão nos castigando
com seu escuro fogo.*

*A altura em que queimamos
o sono
estabelece o nosso inferno
e as nossas armas.*

*Chão verbal,
campos de sóis pulverizados.
As asas da vida aqui se desfazem
e mais puras regressam.*

*O mar lapida os trabalhos
de sua solidão*

*A palavra erguida
vigia
acima das fomes
o terreno ganho.
Flores diurnas, minhas feras,
estas são as máquinas do voo
A pele do corpo
se incendia
em vosso inferno verdadeiro.*

*Eu te violento, chão da vida,
garganta de meu dia.
Em tua áspera luz
governo o meu canto.*

*Sobre a poeira dos abraços
construo meu rosto*

*Entre a mão e o que ela fere
o pueril sopra seu fogo*

*Oficina impiedosa!
Minha alquimia
é real*

*Na minha irascível pátria
o perfume
queima a polpa
Nos fundos lagos o dia move
seus carvões enfiados*

*O silêncio sustenta caules
em que o perigo gorjeia.*

*As rosas que eu colho
não são essas, frementes
na iluminação da manhã;
são, se as colho, as dum jardim contrário,
nascido desses, vossos, de sua terrosa
raiz, mas crescido inverso
como a imagem nágua;
aonde não chegam os pássaros
com seu roubo, no exasperado coração da terra,
floresce, tigre, isento de odor.*

*Aranha,
como árvore, engendra na sombra
a sua festa, seu voo qualquer.
Velhos sóis que a folhagem bebeu,
luz, poeira
agora, tecida no escuro. Alto abandono
em que os frutos alvorecem,
e rompem!*

*Mas não se exale a madurez
desse tempo: e role o ouro, escravo,
no chão,
para que o canto se redima sem ajuda.*

Fábula

Higino

Certa vez, ao atravessar um rio, Cuidado (Cura) viu um pedaço de terra argilosa. Ocorreu-lhe então a ideia de moldá-lo, dando-lhe forma. Enquanto pensava sobre o que acabara de criar, interveio Júpiter. Cuidado pediu-lhe que insuflasse espírito à forma que ele moldara, no que Júpiter o atendeu prontamente. Cuidado quis, então, dar um nome à sua criação, mas Júpiter se opôs, exigindo que ele, que lhe dera espírito, fosse também quem lhe desse o nome. Enquanto Cuidado e Júpiter (Zeus) disputavam sobre quem lhe daria o nome, apareceu a Terra que, tendo cedido parte de seu corpo para o que fora criado, queria também nomeá-lo. Diante de tamanha contenda, decidiram que Saturno seria o juiz da disputa. Saturno tomou então uma decisão equânime, proferindo a sentença: “tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito de volta; tu, Terra (Tellus), que cedeste do teu corpo, receberás o corpo de volta. Mas como foi Cuidado quem primeiro o formou, pertencerá a ele enquanto viver. E havendo entre vós disputa insolúvel sobre o seu nome, eu o nomeio: chamar-se-á ‘homem’, pois foi feito de húmus (terra fértil)”.



Sumário

Apresentação

Em tempos de descuido: o paradigma do cuidado

Marcos Renato de Carvalho e Marisa Schargel Maia 19

PARTE I - ÉTICA, CUIDADO E CULTURA

A fábula de Higino em *Ser e tempo*:

das relações entre cuidado, mortalidade e angústia

Alexandre Costa 29

A dimensão constitutiva do cuidar

Carlos Alberto Plastino 53

O cuidado como valor jurídico

Tânia da Silva Pereira 89

PARTE II - CUIDADO E SUBJETIVAÇÃO

As diversas faces do cuidar: considerações

sobre a clínica e a cultura

Luís Claudio Figueiredo 121

Igualdade e reconhecimento: premissas

para uma ética do cuidado

Maria Izabel Oliveira Szpacenkopf 141

Imagens da infância, devir-criança e uma

formulação à educação do cuidado

Ricardo Burg Ceccim e Analice de Lima Palombini 155

Figuras do cuidado na contemporaneidade: testemunho, hospitalidade e empatia <i>Daniel Kupermann</i>	185
--	-----

PARTE III - CUIDADO E CLÍNICA

Cuidado e prevenção <i>Claude Boukobza</i>	207
Cuidado de si e cuidado do outro: sobre Foucault e a psicanálise <i>Eduardo Rozenthal</i>	225
Casa da Árvore: um delicado encontro entre adultos do asfalto e crianças da favela <i>Lulli Milman</i>	251
Resistência ao cuidado: uma abordagem psicanalítica <i>Aline Bergmann de Carvalho e Vera Lopes Besset</i>	269
Converso, logo existo: reflexões sobre a conversa como instrumento de humanização da saúde <i>Márcia Merquior</i>	285

PARTE IV - DESCUIDO E VIOLÊNCIA

Violências cotidianas <i>Andréa Barbosa de Albuquerque</i>	307
Juventude e violência no Brasil contemporâneo <i>Luiz Eduardo Soares</i>	323
Crianças do porão: descuido, violência psíquica e cuidado <i>Marisa Schargel Maia</i>	357
Infância e violência: do nicho à ágora <i>Vania Regina Mercer e José Antonio Peres Gediél</i>	379
Sobre os autores	407